

MENINOS NA RUA, HISTÓRIAS E ESTÓRIAS: TENTANDO VER INVISÍVEIS E OUVIR INAUDÍVEIS¹

Lázaro Batista da Fonseca (Universidade Federal de Sergipe)

lazarobf@hotmail.com

1. Introdução

*

Ponto de ônibus, Praça da Bandeira, Aracaju, capital de Sergipe. Pouco antes das três da tarde. O sol é de escaldar e o coletivo da Linha 031 parece demorar mais que o normal. O ponto está cheio (como de costume!) e penso no quanto serei espremido durante a viagem de meia hora até a UFS. De repente, minha atenção se volta para outro ponto. Um menino sobe no coletivo e começa a circular por entre os passageiros. Ele faz uma cara de triste e as roupas denunciam as parcas condições em que vive. Nas mãos trás uma caixa de chicletes. Mesmo longe dá para ouvir: Cinquenta centavos é o preço. Ajudar a família diz ser o motivo...

**

Terminal de Integração Leonel Brizola, zona Oeste de Aracaju. Enquanto espero qualquer um dos ônibus para a Universidade, fico observando as várias pessoas perto de mim. Do outro lado, sentado no meio fio do terminal, vê-se um menino maltrapilho que brinca com uma garrafa pet aparentemente vazia. Ele se levanta e começa a andar pelo terminal. Passa pelo ponto dos taxistas, fala algo e ganha uma moeda. Depois, passa próximo à catraca, troca ofensas com o cobrador e sai do terminal em direção à avenida Tancredo Neves. A garrafa agora está na boca...

Uma sexta-feira comum de final de período: não há mais aulas. Decido ir embora para o interior. Tomo o táxi lotação até a Rodoviária Velha de Aracaju. São 8:00 e o movimento no terminal já é grande. Vinte minutos depois o ônibus. Entro e espero o horário da partida. Comigo entra também um menino magricelo e sujo. Aos passageiros sai oferece um pequeno papel tão amassado quanto a camisa com foto de candidato, tão sujo quanto o rosto. Ajuda para a família é o que ele pede. A quantia pode ser qualquer uma...

Essas foram algumas das inúmeras ocasiões em que encontrei crianças pedindo ou vendendo “goma” nas ruas da capital sergipana. Foi em Aracaju, mas poderia ser em qualquer uma das capitais brasileiras. Quase sempre com a roupa em farrapos, com pequenos pedaços de papel já amassados e sujos ou bradando uma fala decorada, eles podem ser encontradas durante a maior parte do dia dentro dos coletivos, nos terminais, nas ruas, pontos de ônibus, praças... Enfim, são quase que componente *natural* do cotidiano urbano.

Especialmente quando nos referimos ao processo de marginalização do qual são vítimas, ao mesmo tempo em que se imprime essa quase naturalização ou completo descaso

¹ Trabalho apresentado à professora Tereza Nobre Pereira, da Universidade Federal de Sergipe, em janeiro de 2009, como avaliação final da disciplina Psicologia Social III.

a respeito de sua condição. Deixando transparecer uma realidade dada a priori, que não pode ser modificada. Ou, dito de outro modo

...como se um sentido já estivesse lá: como se o espaço entre os carros, entre as calçadas, entre as ruas significassem, a priori, de uma determinada maneira e a interpretação de possíveis reocupações/significações fosse somente uma. (Fedatto, s/d : p . 04).

Eis, portanto, a primeira justificativa para esse trabalho: ele pretende denunciar-nos a nós mesmo. Pretende acenar para essa tal naturalização, rompendo com ela. Tentando por em seu lugar a co-existência entre nós, cidadãos dos prédios, dos carros, dos parques e das lojas, e esses pequenos humanos das ruas (MAUTNER, 1999).

Para além disso, e particularmente importante à psicologia, tem-se também a ingerência dos saberes *psi* sobre tais sujeitos. Tanto no modo como nós psicólogos podemos ser ferramentas para potencializar a exclusão, como na exigência de um comprometimento ético com a vida. É precisamente para a segunda possibilidade que Luis Antonio Batista (1999), ao afirmar a urgência de a psicologia possibilitar a escuta em – e de – espaços onde ela normalmente não ocorre (ou mostra-se surda) interpelando sobre a diversidade e se indignado diante da cristalização de alguns modos de ser.

Do contrário, afirma ele, incorremos no perigo de nos tornamos também co-agentes de uma maquinaria que se quer produtora de corpos de lugar nenhum, sem rostos, sem voz, amorfos, sem ação. Como fazê-lo? Demorando-se no olhar sobre o mundo a nossa volta. Rompendo com resquícios de certo discurso que abafa a vida sobre estereótipos e preconceitos, para encontrar “pessoas reais”, com seus problemas, verdades e alegrias peculiares. Enfim, o comum, o rotineiro e ordinário, “o oculto do nosso cotidiano, imperceptível aos olhos” (BAPTISTA, 2000, p. 16).

Imperceptível porque assim o querem, assim o queremos. Ausentar das vistas esses tristes existentes parece um modo grotesco e cínico de fugir à parcela de responsabilidade que cada um tem sobre sua condição. Incólumes. É assim que nos querem. Indignar-se é contra-asséptico. O vidro fechado no sinal denuncia isso. Indignar-se deixa marcas, logo, marcas também são contra-assépticas. E, ressalta Baptista (2000),

A ausência de marcas revela a negação de carecimentos e da história, a negação de uma narrativa onde o confronto com outros homens ou com outros papéis possa criar e questionar cicatrizes. Cicatrizes que evidenciam o humano no sentido pleno de sua subversão (p. 69).

Resiste, portanto, nesse estudo a vontade de alcançar recortes dos dramas e alegrias de meninos e meninas nas ruas de Aracaju. Jovens “homens infames” (FOUCAULT, 2006), ausentados das grandes narrativas, mas facilmente encontrados nas cidades brasileiras. Interessava-nos ouvi-los, saber do seu dia-a-dia, daquilo que fazem, por que o fazem e se gostam. Traços de existências, contados por seu personagem principal. Mais que vislumbrar a possibilidade de uma reflexão acurada sobre o problema dos meninos de/na rua ou buscar dentro da psicologia explicações, motivos ou justificativas para o problema – algo não muito diferente da “escuta surda” criticada por Batista (1999) – esse trabalho desejava acenar para a possibilidade de enxergar de modo diferente aqueles a quem, geralmente, faz-se questão de ignorar ou depreciar. Antes assim, essa proposta caminha para fazer imergir rostos e falas quase sempre ignoradas.

As informações foram obtidas por meio do trabalho de observação participante associado à entrevista. Ao todo foram sete encontros nos meses de dezembro de 2008 e janeiro de 2009, acompanhando o trabalho dos meninos dentro dos ônibus e em conversas nos terminais e praças. Participaram do estudo seis meninos, todos do sexo masculino, encontrados em três terminais (Centro, Distrito Industrial e Leonel Brizola) e em pontos de ônibus espalhados pela capital sergipana. Quatro deles eram pedintes (pediam verbalmente ou distribuía papezinhos dentro dos ônibus) e os outros dois eram vendedores (um, de jujuba; o outro, de chicletes).

Foram muitas histórias e estórias contadas pelos meninos e, a despeito de sua veracidade, desprende-se algo muito maior desses relatos. De alguma maneira eles falam da vida de cada um deles, da construção de significados sobre si mesmos e sobre o mundo entremeados por risos e lágrimas, de suas aspirações e (des)crenças, sonhos e decepções.

2. Encontros e desencontros

2.1. Pontos, coletivos, meninos, ruas e tudo isso junto.

*Vestidos de farrapos, sujos, semi-esfomeados, agressivos, soltando
palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade,
os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas.
("Capitães da Areia" – Jorge Amado)*

*Ah! Eles tão aí o dia todo. Agorinha mesmo tinha dois aqui. Toda hora
eu 'vejo eles' por aqui. Por quê? Algum deles te malhou?
(Sorveteiro no Terminal da Zona Oeste)*

A primeira das etapas de trabalho de campo se caracterizou pela atividade de observação. Isso porque, apesar de já ter visto alguns dos meninos, não sabia como e onde encontrá-los e a melhor maneira de abordá-los. A constatação mais importante dessa etapa é o fato de se poder encontrá-los durante quase todo o dia e nos mais diferentes pontos de Aracaju. Segundo soube, eles já pedem dentro dos ônibus ou podem ser encontrados nos terminais desde as primeiras horas da manhã e agem até o final da tarde.

Outro ponto curioso é o fato de os menores serem reconhecidos por alguns dos cobradores e comerciantes. A despeito da aparente invisibilidade deles para a maioria dos usuários do transporte público, os funcionários das empresas de transporte coletivo, vendedores nos terminais ou ruas os reconhecem e sabem informar em que horário podem ser mais facilmente encontrados na localidade.

Nesse primeiro momento também nos atemos a observar como os meninos "atuavam". Foi assim que pudemos perceber a existência de três atividades distintas: existem meninos que pedem verbalmente, os que pedem por meio de papezinhos e existem os que vendem guloseimas. Em sua maioria os que pedem verbalmente o fazem nos terminais. Do mesmo modo, quase sempre os vi pedindo em duplas. Entre os garotos que pedem ajuda por meio das inscrições nos papeis, estes foram encontrados nos mais diferentes pontos da cidade e sozinhos.

Curiosamente, não encontramos nenhum dos “vendedores” nos terminais. Todos os encontros com eles deram-se nos pontos de ônibus, especificamente, no trecho entre a Praça da Bandeira e a Avenida Ivo do Prado – portanto, muito próximo do centro. Outra particularidade sua é o modo como eles atuam em conjunto. Nas vezes em que mais de um garoto encontrava-se no ponto, ou o último a chegar saía caminhando em busca de outra parada de ônibus ou só subia nos coletivos depois de os que haviam chegado primeiro já terem tomado o ônibus.

Como mencionado, a observação etnográfica ocorreu em sete dias diferentes dos meses de dezembro de 2008 e janeiro de 2009. Depois dessa breve observação e de conversas com populares, nossa atividade foi somada a conversas com os meninos. Ao todo, foram ouvidas seis crianças. Todos eram do sexo masculino. Quatro deles eram pedintes (apenas um deste distribuía os papeizinhos) e os outros dois eram vendedores (um, de jujuba; o outro, de chicletes). Os relatos abaixo são um resumo dos diários de campo feitos a partir do encontro com quatro deles.

2.2. Douglas e Jéferson: zidane, cusparada e um pesquisador em apuros.

*Eu fumo, eu cheiro(...). Eu sou um sujeito homem.
(Filé com Fritas, personagem de “Cidade de Deus”).*

*Tah! A gente usa direto. Fumo zidane, meu fio. Boto na latinha, aí puxo!
O que foi, Jéferson? Tah! A gente num fuma ‘mermo’, o quê é que tem
dizer meu fio?
(Douglas, 11 anos).*

Depois da etapa de reconhecimento do campo, por assim dizer, a atenção se voltou para tentar conversar com alguns dos meninos. Já sabíamos aonde e quando poderiam ser vistos. Restou-nos esperar. Para essa etapa, a intenção seria pedir que eles contassem como era seu cotidiano nos terminais ou nos ônibus, precedida de uma conversa informal a fim de estabelecer uma relação de confiança.

Os primeiros dos cinco meninos moravam no bairro América. Os encontrei no Terminal Leonel Brizola e, observando-os, segui até o bairro onde moram. Quando desceram do ônibus, foram convidados para conversar. Douglas e Jéferson, o primeiro de 11 e o segundo de 13 anos, informaram que pediam nos coletivos durante a manhã e vendiam jujubas à tarde. De todos os meninos entrevistados eles foram os únicos que afirmaram fazer uso de algum tipo de droga. Na verdade, o mais novo afirmou que ambos usavam zidane regularmente e foi cutucado bruscamente pelo parceiro quando informou isso.

Pouco tempo depois dessa afirmação, os dois meninos se contradisseram. Segundo eles as pessoas costumavam não ajudá-los por acharem que a doação seria para comprar drogas, mas que, na verdade, eles faziam isso para ajudar a família.

De fato, de todos os meninos com quem mantive contato os dois foram os que se mostraram menos interessados em informar sobre suas vidas. O mais velho, especialmente, mostrou-se muito receoso de falar qualquer coisa, ainda mais depois de o companheiro ter revelado serem usuários frequentes de drogas. Talvez em virtude da minha pouca experiência com esse tipo de atividade, a conversa não tenha despertado o interesse dos

meninos e depois de um tempo senti certa hostilidade. Essa impressão ganhou ainda mais vida depois de levar duas cusparadas e, enquanto deixava os dois garotos, ouvir um “Vai, viadinho!” do menino mais novo.

2.3. Elton: quem disse que não há verdade na fantasia?

*Logo transferiram para o trapiche o depósito dos objetos que o trabalho do dia lhes proporcionava. Estranhas coisas entraram então para o trapiche. Não mais estranha, porém, que aqueles meninos, moleques de todas as cores e de idades as mais variadas...
 (“Capitães de Areia” – Jorge Amado)*

*...Aí botei o malaco pra fora. Peguei o facão e deitei nele! A casa é minha agora. Aí eu levo o pessoal pra lá, pra tomar refrigerante, comer...
(...) Eu tenho um revólver. Tá enterrado no fundo da casa, coberto com um plástico pra num dar ferrugem. Quando chove, tiro, aí boto as balas no sol...
(...) Num tem o que melhorar não. Ah, já tá tudo bom. O que tava ruim era a casa, mas eu já melhorei. Eu pinteí tudo. Pinteí com pintura de regueiro.
(Elton, 13 anos).*

Muitas pessoas questionam a veracidade das histórias contadas pelos meninos que pedem ou vendem. O trabalho de campo me pos diante dessa situação. Ocorreu quando conheci Elton. Um garoto moreno, de 13 anos que parecia ser bem mais novo. O encontrei no terminal de Integração Zona Leste, onde conversamos longamente. Se tivesse que defini-lo em apenas uma característica, seria Criatividade. Primeiro porque ele foi, disparado, o menino mais aberto a conversar. Depois de uma certa desconfiança, ele aceitou meu pedido e falamos longamente sobre sua vida. Diga-se de passagem, uma vida recortada de muitas aventuras, brigas, namoricos e alegria.

Tudo que o garoto me dizia era carregado de uma vivacidade que passei a questionar se alguém tão pequeno poderia, de fato, já ter passado por tudo aquilo ou se ele estava apenas criando. Pouco importa, foi a conclusão a que cheguei. Estava interessado em histórias e estórias. E Elton me contou algumas muito interessantes.

Como da vez em que surrou um mendigo que lhe queria tomar a casa abandonada onde mora. Segundo contou, ele havia saído para pedir e, ao retornar, a casa já estava ocupada. Com o velho facão que carregava, ele expulsou o mendigo. Outra história sua foi da vez em que surrou um policial, tomou-lhe a arma e as enterrou no fundo do quintal.

A casa onde o menino mora, aliás, tem lugar especial em suas histórias. Ele me disse que mora sozinho, faz festinhas para os colegas que também pedem, leva sua namorada (Bia) para dormir lá e tem uma faca, uma metralhadora e um revólver enterrados no quintal.

As muitas histórias eram sempre recortadas por cenas de violência. Quase sempre no papel de alguém muito cruel, me falou das incontáveis surras que já havia dado nos outros meninos e de como havia conquistado a confiança de dois mais novos que ele. Sentia-se respeitado e já se achava grande, mas não era tolo. Disse que não usava e não aceitava que usassem drogas na sua casa, pois sabia que se a polícia chegasse, a culpa cairia sobre ele – e, ainda por cima, correria o risco de perder a moradia!

Interessante também foi seu ponto de vista sobre a vida de pedinte. Ao contrário do que se pode pensar, ele se acha muito feliz. Batendo no bolso para mostrar que tinha

dinheiro, disse que comia bem, dormia bem e por isso acreditava não faltar nada em sua vida, ou que ela precise ser melhorada – a não ser a casa que era meio velha, mas que tinha melhorado depois da pintura “de regueiro” que fez nas paredes.

2.4. Josivaldo: jujubas, incêndio e a vontade de chorar

Se eu quisesse, me metia aí com esses meninos ladrão (...). Mas eu não sou disso, quero é trabalhar. Só que não aguento trabalho pesado to com fome..
(Sem-Pernas, personagem de “Capitães da Areia”)

Pessoal, primeiramente eu gostaria de dar um bom dia para os senhores passageiros: Bom dia! Pessoal, estou aqui para lhe oferecer esse delicioso e saboroso chiclete Flics, contendo doze na cartela, de diversos sabores – cereja, hortelã, extraforte e canela. E que custa apenas uma só moeda de cinquenta centavos. E assim, com uma única moeda de cinquenta centavos, senhores e senhores, estarão ajudando o seu amigo para andar de cabeça erguida e ser um cidadão honesto. Quem de você poderia colaborar com seu amigo?
(Cleisson, 13 anos).

Na última das entrevistas pude sentir o quanto a afetação do campo pode e interfere no trabalho do pesquisador. Nesse dia, além de conversar com um dos meninos, resolvi observá-lo “trabalhando” dentro dos coletivos. O encontro se deu no ponto de ônibus da Praça Camerino. Eram dois meninos, um vendendo jujubas e o outro chicletes. Estavam fazendo uma batucada com os produtos à venda, sem se importarem muito com a presença dos outros passageiros.

Quando o ônibus chegou, segui o menorzinho na sua empreitada. Entrei pela porta da frente do ônibus e o menino pela do meio. Apresssei-me em chegar logo à catraca, para poder acompanhar a atividade do garoto. Antes que o cobrador liberasse minha passagem pude ouvir a voz aguda e estridente entoar um “boa tarde, senhores passageiros” e, como não obtive resposta, repetiu o pedido agora de maneira ainda mais estridente.

Então, começou a falar o texto que trazia decorado, enquanto eu acompanhava o cobrador, rindo, repetir as mesmas palavras. “Eu gosto deles” foi o que o funcionário me disse, “pelo menos não tão roubando, tão trabalhando”. Mesmo não estando muito interessado na opinião dos outros em relação às crianças, fiquei feliz ao ouvi-lo. Pus-me a acompanhar o infante na árdua tarefa de se espremer entre os passageiros do ônibus ao mesmo tempo em que lhes oferece o doce. Chegamos praticamente juntos à porta traseira, olhei a caixa de jujubas e lá estavam as mesmas três que havia visto pouco tempo antes. O ônibus parou novamente e descemos.

Josivaldo era como se chamava o menino. 10 anos era sua idade. Não faz muito tempo a família de Josivaldo alugou uma casa a um homem e uma mulher. Depois de algum tempo os inquilinos se mostraram maus pagadores e a mãe do menino resolveu cobrar a dívida. Além de se recusar a pagar o aluguel em atraso ou a sair do imóvel, o casal pôs fogo na casa do menino. Desde então a família não tem onde morar e mãe e filho “trabalham” vendendo doces para tentar reconstruir a moradia.

Ele disse que compra a caixa com quinze pacotinhos por R\$ 3,50 a uma senhora “doida” e vende cada um dos pacotes a cinquenta centavos. Ou seja, o lucro do menino seria de R\$ 4,50 em cada caixa. Naquela viagem Josivaldo não vendeu nenhum dos pacotes

de Gomitos, mas nem por isso dava mostras de estar triste. O ônibus seguinte já se aproximava. O garoto acenou pra mim dando tchau, riu e entrou novamente no ônibus.

Quanto a mim, fiquei aturdido em ver na minha frente uma história que só vislumbrava na TV. Novamente não importava o quanto a história contada era verdadeira, embora algo no olhar dele me fazia acreditar. Ainda agora ela ressoa em minha cabeça. E, se no momento em que ouvia senti os pelos arrepiados e uma vontade sem tamanho de chorar, agora certo vazio é que toma espaço. Um sentimento de que não bastaria somente citar o nome do menino e sua história aqui.

3. Ruminacões

Afirma Mautner (1999): “*A subjetividade tem a ver com o sentimento de perda, com o medo de perder. Quem não tem nada assegurado, além do próprio corpo, que subjetividade desenvolverá?*” (p. 55). O excerto dá à tônica de um primeiro sentido que pudemos atribuir a essa experiência. Quer dizer, se aceitamos como deplorável a situação desses pequenos, se vemos na sua condição social um ultraje ao próprio sentido do existir humano, resta-lhe nesse mesmo existir algo de que possam se enaltecer? Pensando como o autor, temos um sujeito para o qual o existir na rua implica numa vigilância recortada de medo e desejo, num sentimento de desprendimento total com o mundo à sua volta. Resta-lhe apenas o corpo, vive do agora, não tem tempo para rememorar todas as perdas, tem que estar alerta, pois somente assim pode sobreviver (MAUTNER, 1999).

Pareceu-nos ser essa a constatação do nosso encontro com Douglas, Jeferson e Elton. Sobre Douglas e Jeferson demonstraram pouco interesse em expor-se e ao perceberem que o estavam fazendo, recuaram imediatamente. Ainda que seja temerário, transpareceu, nas suas atitudes de lançar-me cusparadas e xingamentos, mais que hostilidade: estavam desautorizando minha competência para saber sobre suas vidas, protegendo-as do encontro com uma ameaça real – o pesquisador, o estudante de psicologia, o poder. E cada um se defende com as armas que possui...

Quanto ao Elton, a longa conversa com ele ganhou em vários momentos contornos de uma fuga constante da realidade para se esconder numa fantasia. Ao invés do garoto franzino, entra em ação o destemido Elton, que surra policial, que expulsa pivetes e que tem até arma enterrada. Assumindo “outra identidade”, sentia-se seguro no mundo. Por outro lado, no SUPOSTO mundo da fantasia do Elton ainda há lugar para ajudar a mãe. Além disso, o mesmo garoto que dá tabefes o faz para proteger sua namoradinha, tem e gosta de fazer amigos e não se importa em dividir a casa com eles (desde que não usem drogas!).

Outros meninos que ouvimos também desmentem as afirmações de Mautner (1999). A despeito do preconceito, das inomináveis violências, sobra nesses pequenos despossuídos, certa esperança. Não a inerte crença de mudança repentina, mas a da pujança de quem corre atrás, de quem não se resigna. Não temem lançar-se ao encontro, pelo contrário, lembram os outros da parcela de responsabilidade que tem pela situação em que se encontram. Por isso, se o barraco queimou, a mãe vende num ponto, enquanto o filho vai para os coletivos. Se o pai está doente e precisa fazer uma cirurgia, não fere o orgulho ir aos ônibus com papeis pedindo qualquer ajuda. Se as políticas públicas não alcançam a família, não soa desonesto vender os “deliciosos chicletes Flics, por cinquenta centavos, com 12 na cartela”.

Subjaz naquele discurso aquilo que Baptista (1999) definiu como o trabalho dos amoladores de faca. Isto é, a tentativa de minar ainda mais a capacidade de indignar-se

daqueles pobres meninos. De torná-los crentes de que são dejetos, protótipos de marginal. Como aponta Fedatto (s/d), pedintes nas ruas, limpadores de pára-brisa nos sinais, vendedores de alguma coisa nas calçadas, malabaristas nos cruzamentos, são definidos a partir de formulações como meninos de rua, pivetes, menor abandonado,

...atestando a existência, designando, descrevendo, qualificando, explicando não só pelo que se dizem: também pelo que não se dizem. Instalam-se no interdiscurso, impedindo outras significações, disfarçando as tensões numa relação contraditória que, ao mesmo tempo, dá corpo à fuga dos sentidos (p. 04).

Trata-se, então, de perguntar pelo lugar que a psicologia tem ocupado para produzir e reificar esses modos de existência e de se buscar práticas psi que rompam com elas. Trata-se de acenar para a falta de compromisso de cada um com uma parcela da população ignorada, mal-vista, faminta, sem-voz, usuária de drogas – que seja! Enfim, de pessoas que estão a todo o momento ao nosso lado e às quais fazemos questão de ignorar. Será que elas não têm de fato nada de útil ou bonito para nos oferecer?

Também um misto de fascínio e curiosidade motivaram e moveram este trabalho. E, mesmo tendo alcançado muito pouco da potência de vida de cada uma daquelas crianças, é justo crer ter recebido muito deles. Das suas histórias e estórias desprende-se uma verdade que vai além da ocorrência ou não dos fatos: de alguma maneira elas falam de suas vidas. Se ao poeta ou o escritor é permitida a ousadia de divagar para nos atingir ou esquecerem de seus infortúnios, o que impediria aqueles meninos de poderem fazer o mesmo?

Em virtude desse mesmo fascínio e da curiosidade, se policiar foi um exercício constante durante a prática. Quanto mais mergulhava naquele mundo, mais tinha que manter firmes e vivas no pensamento as bases que conduziram o trabalho até ali. Questionar-se tornou o verbo mais comumente conjugado, principalmente sobre o destino que era dado ao dinheiro conseguido pelos meninos e a veracidade das histórias que haviam contado. Isso tomou proporção maior ainda numa das últimas observações, na Avenida Ivo do Prado, quando vi um grupo de quase dez meninos que vendiam chicletes reunidos. Eles eram de todas as idades, desde crianças até rapazes aparentando ter mais de 18 anos. Brincavam, riam e vendiam. Não pude deixar de inquirir para mim mesmo quanto os tinha enxergado de modo errado até aquele momento. Ali, naquela hora, não vi meninos. Vi homens.

Não se tratava mais de saber o que realmente era feito das moedas conseguidas, tampouco julgar se já haviam experimentado drogas, roubado etc. Questioná-los nunca foi o objetivo do trabalho. Era o relato de suas vidas o que importava. E quem mais pode falar com propriedade a respeito de si mesmo que não seja o próprio sujeito? Ademais, com que autoridade poderia julgar seu modo de viver e as coisas que fazem como certas ou erradas?

E o que fazer agora como o recebido dos meninos? Outra pergunta cuja resposta, julgo, seria incompleta. Se servir como indicativo, começemos tentando enxergá-los. E, se isso cansar nossas vistas e até suplantar a visão, queiramos ouvi-los. Se, por fim, sua voz for ruidosa demais para ser audível, façamos o esforço de ao menos recordemos que eles existem.

4. Bibliografia

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. Rio de Janeiro: Record, 2004 (115ª ed.)

BAPTISTA, L. A. **A cidade dos sábios**. São Paulo: Summus, 1999.

_____. **A fábrica de interiores: a formação psi em questão**. Niterói: EDUFF, 2000.

_____. **Cidades, lugares, sujeitos: contribuições da literatura e da política**. s/d (p. 194-203)

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, M. **Estratégias de saber poder**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

LINS, Paulo. **Cidade de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MANTOVANI, B., MEIRELLES, F. e MÜLLER, A. L. **Cidade de Deus: o roteiro do filme**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

MAUTNER, A. V. A sombra da cidade ou vivendo dos excessos. In: MAGALLHAES El ali. **Na sombra da cidade**. Rio de Janeiro: Escuta, 1999.

PIXOTE: A LEI DO MAIS FRACO. Direção de Hector Babenco. São Paulo: Embrafilmes, 1981.